

AS RELAÇÕES DE SENTIDO DA PALAVRA *ESTRANGEIRISMO* EM QUATRO SÉCULOS

Aguinaldo Pereira¹

Valdinéia Ferreira dos Santos²

Resumo: Este trabalho tem como proposta analisar, na perspectiva da Semântica do Acontecimento, teoria desenvolvida por Eduardo Guimarães, no Brasil, as relações de sentido da palavra *estrangeirismo* em quatro dicionários da Língua Portuguesa dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, buscando compreender se houve mudança de sentido entre o primeiro dicionário da Língua Portuguesa e o mais recente em que usamos para a análise.

Palavras-chave: Semântica do Acontecimento. Domínio Semântico de Determinação. Estrangeirismo.

Abstract: This paper aims to analyze, in perspective of the Semântica do Acontecimento, theory developed by Eduardo Guimarães, in Brazil, the relations of meaning of the word foreignness in four dictionaries of Portuguese from the centuries XVIII, XIX, XX and XXI, trying to understand if there was any change of meaning between the first Portuguese dictionary and the more recent we use for this analysis.

Keywords: Semântica do Acontecimento, Semantic Domain of Determination, Foreign Words.

1 Introdução

Nosso objetivo com o presente artigo será o de analisar enunciativamente o termo *estrangeirismo*, apontando a relação que há entre essa palavra e outras que lhe são atribuídas, verificando os possíveis sentidos postos em diferentes épocas nas quais é designada essa palavra.

Tomamos como *corpus* os dicionários *Diccionario da Língua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva (1789), *Diccionario da Língua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto (1832), *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, de Francisco da Silveira Bueno

¹ Aluno do Programa de Mestrado em Linguística da UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres – MT. Professor de Língua inglesa. aguinalper@ig.com.br

² Aluna do Programa de Mestrado em Linguística da UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres – MT. Graduada em pedagogia e professora da Rede Estadual de Rondônia. Residente na Av. São Luiz, 4005, centro, município de Rolim de Moura/RO. (69) 3442-8739. E-mail: valpedagoga@hotmail.com

(1986), e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de Antonio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2001).

A curiosidade pelo tema *estrangeirismo* vem de nossa atual pesquisa de dissertação, em que buscamos entender o uso de termos estrangeiros, mais especificamente os da língua inglesa, por especialistas de mercado sob o olhar da Sociolinguística, porém, aqui, iremos fazer uma análise fundamentada na Semântica do Acontecimento, teoria desenvolvida por Eduardo Guimarães, no Brasil, mais especificamente no que ele nomeia de Domínio Semântico de Determinação – DSD.

A significação, sendo produzida enunciativamente, coloca o semanticista como responsável por falar da significação linguística, ou seja, daquilo que acontece. As relações de sentido e o estudo do sentido de palavras e expressões, na perspectiva da semântica tradicional, se colocam em uma posição referencialista, a saber, as relações de sinonímia, homonímia, antonímia, hiperonímia, a questão da polissemia ou da ambiguidade.

“Uma semântica não pode deixar de tomar como elemento fundamental de suas considerações e análises a referência, ou seja, a relação das palavras com algo que está fora delas”. (GUIMARÃES, 2007, p. 77). Dessa forma, o autor se posiciona contrário à posição referencialista descrita no primeiro parágrafo, mostrando que “a relação com o que está fora da linguagem é uma construção de linguagem”. De acordo com o autor, “só é possível pensar na relação entre uma palavra e o que ocorre em virtude da relação de uma palavra a outra palavra”. (*Ibidem*, p.77).

No Domínio Semântico de Determinação [DSD], forma de compreender como a relação de sentidos dá a conhecer a especificidade do funcionamento da linguagem em dado espaço de enunciação, é um modelo descritivo da semântica das palavras que compõem um mesmo texto. Para Guimarães (2007, p. 81), o DSD “representa uma interpretação do próprio processo de análise e deve ser capaz de explicar o funcionamento do sentido da palavra no corpus especificado (um texto, um conjunto de texto, etc.)”.

Nas relações de sentidos das palavras, Guimarães (2007) afirma que existem dois conceitos que são fundamentais para a análise semântica do texto, a reescrituração e a articulação. Guimarães (*Idem*, p. 88) define a reescrituração como um “procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si”. Esta, segundo o autor, se dá de diferentes formas: pela repetição, substituição, elipse, expansão, condensação e definição. Já a articulação “diz respeito às relações próprias das contiguidades locais”. (*Ibidem*).

No DSD as relações de sentido das palavras são apresentadas por uma escrita própria, por meio de alguns sinais específicos: $\vdash$ ou $\dashv$ ou $\perp$ ou $\top$ (que significam determina); --- (que significa sinonímia) e o traço _____ dividindo um domínio semântico de outro (que significa antonímia).

2 Uma palavra e seus sentidos

Segundo Sylvain Auroux (1992), os dicionários, instrumentos de uma política de regulação das línguas, são também entendidos como tecnologias de gramatização. Segundo o autor (p. 65), por gramatização “deve-se entender o processo que conduz a descrever e a instrumentalizar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário”.

Com o objetivo de descrever as línguas, os dicionários produzem um prolongamento do saber linguístico do falante, que além de estender, o transforma. Nesse sentido, para se entender a história da dicionarização é necessário levar em conta as suas condições de produção.

Para a compreensão de um determinado dicionário, e de uma forma mais específica, das definições de suas palavras, será preciso levar em conta que um dicionário “nunca é completo e nem reflete diretamente a realidade, pois ele corresponde a uma projeção imaginária do real: de um público leitor, de uma concepção de língua e de sociedade” (NUNES, 2006, p.20).

O verbete *estrangeirismo*, não foi encontrado no *Diccionario da Língua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva (1789), porém, o verbete *estrangeiro*, traz acepções de *estrangeirismo*, como pode ser visto abaixo na parte destacada:

Estrangeiro: Adj. O que nasceu em terra estranha, e não he naturalizado naquella onde reside. § Palavras - que não são portuguezas, ou da língua, a cujo respeito se diz que são estrangeiros § f., “estrangeiros na terra, Lei, e nação”, Camões - § açor - que vê de terras estranhas, e foi tomado na passagem. Arte da caça. § f. “alheio ao natural, não pode ser a Deos obra mais – e estranha, que confundir pecadores”. Paiva S. 1.f. 3.

O **DSD1** será assim representado:

O QUE NASCEU EM TERRA ESTRANHA, E NÃO HE NATURALIZADO NAQUELLA ONDE RESIDE. T ESTRANGEIRO T PALAVRAS - QUE NÃO SÃO PORTUGUEZAS, OU DA LÍNGUA, A CUJO RESPEITO SE DIZ QUE SÃO ESTRANGEIROS

Onde se lê: Estrangeiro determina o que nasce em terra estranha, e não he naturalizado naquella onde reside que é determinado por *palavras – que não são portuguesas, ou da língua, cujo respeito se diz que são estrangeiros.*

Como aponta Biderman (1984), o *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712 - 1718), de *Raphael Bluteau*, foi reorganizado por Antônio de Moraes Silva, tornando-se o *Diccionario da Língua Portuguesa*, uma versão atualizada, menos extensa do primeiro. Foi publicado em Lisboa, no ano de 1789, e é considerado o primeiro dicionário monolíngüe da língua portuguesa. Segundo Nunes (2008, p. 353), “ainda que Moraes seja um autor brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, seu dicionário se filia diretamente à tradição portuguesa, em um momento em que os brasileiros realizavam estudos em Portugal”.

Mesmo escrito por um brasileiro, o *Diccionario da Língua Portuguesa* representa a homogeneidade da língua portuguesa no Brasil num momento em que o Brasil ainda era colônia de Portugal. Durante esse período, metade do século XVIII, mais precisamente no ano de 1757, Marques de Pombal promulgou a Lei do Diretório, que considerava a língua geral como “invenção verdadeiramente abominável e diabólica” e proibia às crianças, filhos de portugueses, e aos indígenas aprenderem outro idioma que não o português. Sendo assim, o Brasil conviveu com outras línguas (indígena e africana), além das línguas dos viajantes que aqui passaram.

Em *O que nasce em terra estranha, e não he naturalizado naquella onde reside*, evoca a memória da entrada de estrangeiros no Brasil no período colonial, época em que o território brasileiro era império dos portugueses. Embora a colonização do Brasil seja de origem Portuguesa, o país foi colonizado e povoado por diversas nações.

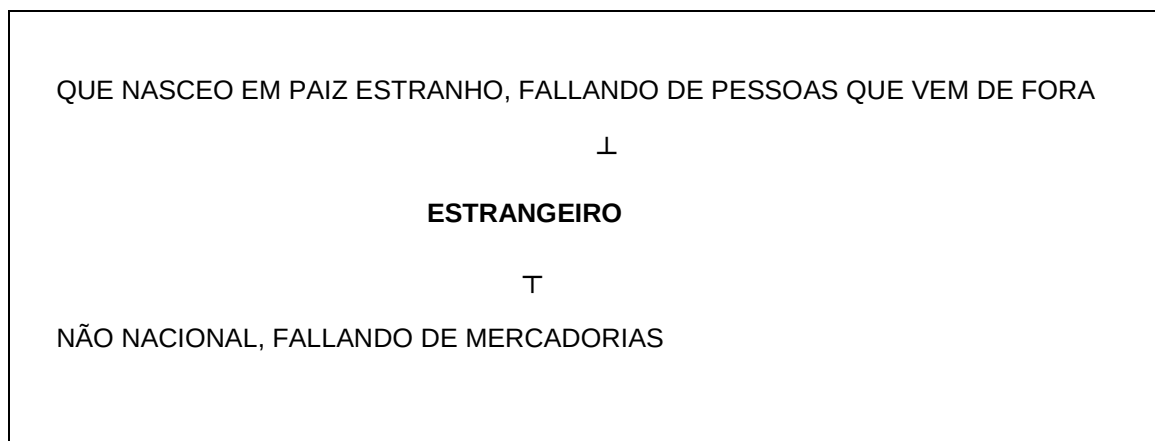
Na segunda acepção *estrangeiro* é reescriturado por *palavras – que não são portuguesas, ou da língua, cujo respeito se diz que são estrangeiros*. Essa acepção mobiliza memoráveis que valorizam a língua (portuguesa) da nação. As acepções se assemelham ao compartilhar os sentidos de não pertencimento, tanto da nação em que vive quanto da língua da nação. Toda a definição do verbete em análise se coloca como sua reescritura predicando *estrangeiro* e assim constitui o que *estrangeiro* designa.

A falta do verbete *estrangeirismo* no *Diccionario da Língua Portuguesa* (1789), pode ser entendida não como ausência desse fenômeno, mas apenas como não existência de um termo específico para designar tal fato, mas que já aparece na definição de *estrangeiro* a ocorrência de palavras estrangeiras no contexto histórico do Brasil-colônia, tendo parte da explicação da ocorrência *estrangeiro* sobre palavras estrangeiras - *que não são portuguesas, ou da língua, a cujo respeito se diz que são estrangeiros*.

Não tão diferente do DSD1, que não traz a palavra *estrangeirismo*, o *Diccionario da Língua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto (1832), também não apresenta *estrangeirismo* no rol dos léxicos tratados, mas traz a palavra *estrangeiro*, da qual ela se forma, deriva.

Estrangeiro: adj. Que nasceo em paiz estranho, fallando de pessoas que vem de fora, não nacional, fallando de mercadorias, etc.

O **DSD2** será assim representado:



Onde se lê: *Que nasceo em paiz estranho, falando de pessoas que vem de fora* determina **estrangeiro**, que é determinada por *não nacional, fallando de mercadorias*.

Dentro da ocorrência de *estrangeiro* no dicionário de Luiz Maria da Silva Pinto (1832), percebe-se a ausência do que conhecemos hoje como *estrangeirismo*, mas poderíamos usar as palavras do autor, expressas no prólogo, para atestar tal ausência, visto que, segundo Pinto (1832, p. 05),

[...] restringi o meu Plano, levando ao prelo o presente Diccionario portátil, que modificarà a penúria occorrente, e servirá de base a outra edição mais ampla, e regular, se este esforço patriótico merecer acolhimento, e os Srs. Amantes da Litteratura Nacional se dignarem **enviar quaesquer Notas sobre os vocábulos ommissos, e definições inexactas** [...] (grifo nosso)

Por se tratar de um trabalho mais compacto, de um *diccionario portatil*, é de se esperar que muitas definições podem ter sofrido a redução de seu conteúdo, bem como *vocábulos ommissos, e definições inexactas*, porém não sendo aqui o nosso interesse de julgar, mas de analisar semanticamente o verbete *estrangeirismo* e vocábulos sinônimos.

No Brasil-colônia, num contexto de línguas em concorrência, como mencionado anteriormente sobre o português e a língua geral, a preocupação maior em torno da língua era o de estabelecer uma unidade linguística forte, capaz de representar o território brasileiro. Como observado por Sobrinho (2000, p.116), “no período colonial, como uma unidade ainda não muito definida, e comunicações precárias, todas as forças concorriam para a diferenciação da linguagem”.

No DSD 2, observamos o apagamento de alguns sentidos através da exclusão da acepção *palavras* - (...), apresentada no Moraes. A acepção *Que nasceo em paiz estranho*,

falando de pessoas que vem de fora, reproduz os sentidos do Moraes, repetindo e reforçando sentidos já postos, rememorando as significações de *estrangeiro* do dicionário anterior.

Nesse acontecimento é incluído a acepção *não nacional*, *fallando de mercadorias*, que introduz a cena uma condição outra de *estrangeiro* que não a de pessoas ou palavras, mas a de mercadorias, rememorando o discurso da nação, em que *estrangeiro*, a partir do movimento de reescrituração, passa a significar o que *mercadoria não nacional* significa. Assim, *estrangeiro* se inscreve num espaço de enunciação da divisão entre *pessoas* e *mercadorias*, rememorando os sentidos de estrangeiro do Moraes, ao mesmo tempo em que incorpora novos sentidos.

A distância de tempo entre o dicionário anterior e o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, de Francisco da Silveira Bueno (1986) é mais de 150 anos. Nesse ínterim, ocorreram muitas discussões envolvendo a unidade da língua portuguesa no Brasil, principalmente pela influência da língua francesa no início do século XX, os conhecidos *galicismos*, e mais atualmente a influência do idioma inglês, conhecido como *anglicismo*.

Assim, temos, no *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* (1986), a definição de:

Estrangeirismo: [De estrangeiro + -ismo] **S. f. 1.** Emprego de palavra, frase ou construção sintática estrangeira; peregrinismo. **2.** Estrangeirice (2).

O **DSD3** será assim representado:



Onde se lê: Estrangeirismo que determina *emprego de palavra, frase ou construção sintática estrangeira*, que tem uma relação de sinonímia com *peregrinismo* e com *estrangeirice*.

No processo de colonização, nos vários conflitos existentes na formação do país em formação, como os de *criação* de uma identidade nacional, a língua portuguesa serviu como instrumento para tal *criação*. O que de início (estrangeirismo) não havia um termo próprio para discuti-lo, se arrastou ao longo da história brasileira, ganhou nome e sinônimos.

Dentro desse espaço de enunciação, onde muitos embates foram travados em torno da unidade linguística, afirma Guimarães (2005, p. 91), que “o que um nome designa é constituído simbolicamente. Esta construção se dá porque a linguagem funciona por estar exposta ao real, enquanto constituído materialmente pela história”.

Nesse dicionário do século XX, o termo *estrangeirismo* não apenas é incluído no léxico do dicionário, como também traz no interior de sua definição terminológica dois sinônimos: *peregrinismo* e *estrangeirice*. Nesse sentido, *estrangeirismo* estabelece uma relação de sinonímia com as acepções *peregrinismo* e *estrangeirice*. Tanto *peregrinismo* como *estrangeirice* no DSD 3 determinam *estrangeirismo* e por ele são determinadas.

A acepção *emprego de palavra, frase ou construção sintática estrangeira*, reescreve *estrangeirismo* por definição, ela retoma, pelo interdiscurso, os sentidos do Moraes, com o efeito de atualização ao acrescentar no enunciado *frase* ou *construção sintática*. Para Guimarães (1995), o sentido de um acontecimento são efeitos da presença do interdiscurso, ou seja, do cruzamento de discursos diferentes. Assim, a significação de *estrangeirismo* se constitui, não somente pela definição, mas pela determinação produzida pelo processo de reescrituração, que determina *estrangeirismo* e descreve seus sentidos.

No quarto e último dicionário a ser analisado, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) traz a definição do termo:

Estrangeirismo. S.m. (1833 Ver Phill 98) 1 *Influência ger. forte da cultura, dos costumes etc. de determinada nação sobre outra ou sobre uma parcela significativa dos indivíduos desta* 2 *LING palavra ou expressão estrangeira us. num texto em vernáculo, tomada como tal e não incorporada ao léxico da língua receptora, peregrinismo , xenismo cf. empréstimo* 3 *m.q. ESTRANGEIRICE ('afeição') ETIM estrangeiro + -ismo; ver estrangeir-*
ESTRANGEIRICE

O **DSD4** será assim representado:

INFLUÊNCIA GER. FORTE DA CULTURA, DOS COSTUMES ETC. DE DETERMINADA NAÇÃO SOBRE OUTRA OU SOBRE UMA PARCELA SIGNIFICATIVA DOS INDIVÍDUOS DESTA.

⊥

ESTRANGEIRISMO

⊥

PALAVRA OU EXPRESSÃO ESTRANGEIRA US. NUM TEXTO EM VERNÁCULO, TOMADA COMO TAL E NÃO INCORPORADA AO LÉXICO DA LÍNGUA RECEPTORA, PEREGRINISMO, XENISMO.

ESTRANGEIRICE

Onde se lê: Estrangeirismo que determina *Influência ger. forte da cultura, dos costumes etc. de determinada nação sobre outra ou sobre uma parcela significativa dos indivíduos desta*, que é determinado por *palavra ou expressão estrangeira us. num texto em vernáculo, tomada como tal e não incorporada ao léxico da língua receptora, peregrinismo, xenismo*, que tem uma relação de sinonímia com *estrangeirice*.

No DSD 4, *estrangeirismo* é predicado por *Influência ger. forte da cultura, dos costumes etc. de determinada nação (...)*, que é reescriturado por *palavra ou expressão estrangeira (...)*. Na acepção *Influência ger. forte da cultura, dos costumes etc. de determinada nação sobre outra ou sobre uma parcela significativa dos indivíduos desta*, a reescrituração se dá por substituição. Nessa acepção movimentam-se outros sentidos, como a inclusão do memorável cultura e costumes de uma nação sobre a outra.

Em *palavra ou expressão estrangeira us. num texto em vernáculo, tomada como tal e não incorporada ao léxico da língua receptora, peregrinismo, xenismo*, o verbete *estrangeirismo* é reescriturado por definição. Essa acepção evoca a memória de um fenômeno que já vem sendo discutido há tempos, devido à forma como é descrita, ou seja, rememora os estudos da Linguística. Segundo Oliveira (2006, p. 114), “o Houaiss privilegia a informação etimológica-filológica”.

No presente DSD, *estrangeirice*, mantém-se numa relação de sinonímia de *estrangeirismo*. Assim, nos deparamos com a polissemia de uma palavra que designa tanto cultura, costumes, quanto palavra ou expressão.

Nessas divisões polissêmicas as designações vão se acrescentando ou eliminando, em movimentos que inscreve o dizer em novos espaços. Para Guimarães (2005, p. 18), “os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante”. Isso pode ser visto quando trazemos dicionários de quatro séculos diferentes, e analisando as mudanças na lexicografia de língua portuguesa, onde novas acepções são adicionadas nas definições da palavra *estrangeiro* e *estrangeirismo*.

No *Diccionario da Língua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva (1789), ainda não aparece a palavra *estrangeirismo*, porém na definição do verbete *estrangeiro* temos um enunciado definidor que nos remete a ele: *Palavras - que não são portuguesas, ou da língua, a cujo respeito se diz que são estrangeiros*. Nele, Antônio de Moraes Silva associa *estrangeiro* a palavras incorporadas no léxico nacional, o que instaura, pelo implícito, o memorável de uma relação que se fazia entre um estrangeiro e sua língua. Segundo Oliveira *appud* Collinot e Mazière (2006, p. 21), referindo-se ao dicionário, diz que o mesmo “possui a particularidade de produzir um duplo saber, sobre a língua e o mundo, ao mesmo tempo em que toma a língua (a palavra) como parte do mundo, quando faz dela objeto de descrição”.

Não há uma definição precisa de *estrangeirismo* nos dois primeiros dicionários analisados, sendo que a mesma nem aparece no rol de suas palavras. Nessa forma de silenciamento existente no DSD1 e DSD2, no entanto, percebemos que há um movimento, principalmente no DSD2 que anuncia o aparecimento de *estrangeirismo*, visto principalmente no enunciado definidor: *palavras - que não são portuguesas, ou da língua, a cujo respeito se diz que são estrangeiros*. Enquanto *estrangeiro*, no DSD1 e DSD2, tem caráter polissêmico, podendo designar costumes, pessoas, palavras, etc., no DSD3 e DSD4 a palavra ganha especificidade, diferenciando o verbete *estrangeiro* de *estrangeirismo*.

3 Considerações finais

Contar a história da palavra *estrangeirismo* na filiação teórica da Semântica do Acontecimento é admitir que os sentidos não se reduzem a etimologia e nem se restringem aos sentidos normatizados das definições lexicográficas. Para Oliveira (2006, p. 19), “contar a história de uma palavra em um *corpus* lexicográfico implica compreender como o real da

palavra e das ideias que ela nomeia é recortado em um instrumento linguístico com grande força normativa sobre os falantes”.

Observamos que pelo cruzamento de discursos (interdiscurso), e através das relações de sentido da palavra *estrangeirismo* com outras palavras as quais determina e por ela é determinada, sentidos outros vão se constituindo na e pela história.

Vale observar que mesmo com o aparecimento do verbete *estrangeirismo*, este ainda rememora estrangeiro, não por recorrer ao étimo, mas por rememorar um passado onde os sentidos tanto de *estrangeiro* – enquanto pessoa, ou seja, substantivo – e palavras estrangeiras, ou seja, *estrangeirismo*, se entrecruzavam num mesmo espaço semântico. Como tal, poderia se dizer que esse acontecimento se deve ao fato da linguagem ser intrínseca ao ser humano, não podendo separar o que fala – *estrangeiro*, de sua fala – *estrangeirismo*.

Referências

- AUROUX, S. A revolução tecnológica da gramatização. Tradução Eni Puccinelli ORLANDI. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. Alfa (ILCSE/UNESP), São Paulo, 28, n. suplemento, p. 1-26, 1984.
- BUENO, F. S. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. 11. ed. Rio de Janeiro, 1986.
- GUIMARÃES, E. Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- _____. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, E. e MOLLICA, M.C. (Orgs.). A palavra: forma e sentido. Campinas, SP: Pontes, 2007, p.77- 96.
- _____. Quando o eu se diz ele: análise enunciativa de um texto de publicidade. Revista Anpoll, Niterói, Vol. 1, Nº 29, p. 15-39, 2010.
- HOUAISS, A; VILLAR, M. S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MORAES, S. A. de. Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa: Oficina de Seimão Thaddeo Ferreira, 1789.
- NUNES, J. H. Dicionário, sociedade e língua nacional: o surgimento dos dicionários monolíngües no Brasil. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura. (Orgs.). História social da língua nacional. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 353-374.
- OLIVEIRA, S. E. Cidadania: história e política de uma palavra. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2006.
- PINTO, L. M. S. Dicionário da Língua Brasileira. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.
- SOBRINHO, B. L. A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.